



BAUMAN, Zygmunt. Que oportunidade tem a ética no mundo globalizado dos consumidores? In: BAUMAN, Z. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p.37-83. Excertos.

p.37 – A conclamação para amar a teu próximo como a ti mesmo, diz Sigmund Freud, é um dos preceitos fundamentais da vida civilizada (e, de acordo com alguns, uma de suas exigências éticas fundamentais).<sup>1</sup> Mas é também o que de mais antagônico pode haver com o tipo de razão que essa mesma civilização promove: a razão do interesse individual, da busca da felicidade. Seria a civilização, então, baseada numa contradição insolúvel? Assim parece; a se seguir as sugestões de Freud, chegaríamos à conclusão de que o preceito fundador da civilização só poderia ser cumprido caso se adotasse a famosa advertência de Tertuliano: *credere quia absurdum* (acredite porque é absurdo).

De fato, basta perguntar “**Por que eu deveria fazer isso?** Ou “**Que bem isso me fará?**” para perceber o absurdo de uma exigência de amar o próximo “como a ti mesmo” – qualquer próximo, simplesmente porque ele ou ela estão à vista e ao alcance. Se eu amar alguém, ele ou ela devem merecê-lo de algum modo. E ele o merecerá se for como eu de tantas importantes maneiras que eu possa amar *a mim mesmo* nele; ela o merecerá ainda mais se for tão mais perfeita que eu possa amar nela o *ideal* de mim mesmo.

“Mas se ele é um estranho para mim e não pode me atrair por nada que valha a pena nele próprio ou por qualquer importância que já possa ter adquirido para minha vida emocional, será difícil amá-lo”. [...]

p.38 – Aceitar o preceito de amar o próximo é o ato fundador da humanidade. Todas as outras rotinas de coabitação humana, assim como as normas e regras preconcebidas ou retroativamente descobertas, são apenas uma lista sempre incompleta de notas de rodapé a esse preceito. Podemos avançar um passo e dizer que, se ele é precondição da humanidade, civilização e humanidade civilizada, caso fosse ignorado ou jogado fora, não haveria ninguém para recompor a lista nem ponderar se ela está completa.

p.39 - Mas permita-me acrescentar de imediato que, embora amar teu próximo possa não ser um dos produtos principais do instinto de sobrevivência, também não o é o amor-próprio, que costuma ser considerado o modelo de amor ao próximo. “**Amor-próprio**” – o que isso quer dizer? O que devo amar “em mim”? **O que amo quando me amo?** [...]



O que amamos quando “amamos a nós mesmos” é um “nós”, um “self” *apto a ser amado*. O que amamos é o estado ou a esperança de *sermos amados* – de sermos objetos merecedores de amor, sendo reconhecidos como tais e recebendo provas desse reconhecimento.

p.40 – Em resumo: para ter amor-próprio, precisamos ser amados ou ter a esperança de ser amados. [...] ***O amor-próprio é feito do amor oferecido a nós pelos outros***. Os outros têm que nos amar primeiro, para que possamos começar a amar a nós mesmos.

[...] Como sabemos que o amor está, pode estar, estará próximo, que *somos* merecedores dele? Nós o sabemos [...] quando nos falam e nos ouvem, quando *somos ouvidos com atenção*, com um interesse que sinalize a disposição do ouvinte em responder. Inferimos, então, que somos respeitados. [...] **De que fazemos diferença**. De que nosso ficar vivos faz diferença. De que somos merecedores de sermos queridos, de sermos cuidados. [...]

Se é isso o que nos torna objetos justos e certos do amor-próprio, então a conclamação para amar nossos próximos como a nós mesmos [...] invoca o desejo dos próximos de também ter *seu* valor único, insubstituível e indispensável reconhecido e confirmado. Essa conclamação nos leva a assumir que o próximo realmente representa esse valor – pelo menos até prova em contrário. Amar nosso próximo como a nós mesmos significaria, então, ***respeitar a singularidade de cada um*** – valorizando cada um por nossas características distintivas, enriquecedoras do mundo que habitamos juntos e com as quais o tornamos um lugar mais fascinante e agradável. [...]

Compilado pela Profa. Dra. Isa Maria Freire. Destaques em negrito da compiladora.

---

<sup>1</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. Novas conferências introdutórias e outros textos. In: FREUD, S. **Obras completas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. v.18.